

Capítulo 1

Design contra o crime: as diversas formações do pesquisador atuante na área

Guilherme Cardoso da Silva, Pâmela Cardoso da Rosa, Paula Görden Radici Fraga, Maurício Moreira e Silva Bernarde, Underléa Miotto Bruscato, Leandro Miletto Tonetto e Júlio Carlos de Souza van der Linden

Resumo

A abordagem “design contra o crime” utiliza o design como ferramenta de modificação da percepção do benefício do crime identificado pelo transgressor, atuando no desenvolvimento de produtos, serviços e ambientes como forma de prevenção. O presente estudo identifica a formação e as competências de autores relacionados ao tema, a fim de investigar as contribuições das múltiplas áreas de conhecimento na pesquisa do design contra o crime. Para tanto, desenvolveu-se uma revisão sistemática da literatura objetivando a coleta de informações sobre os autores relativas à: título obtido na graduação, formação da pós-graduação (quando fosse o caso) e a atuação no mercado de trabalho. Os resultados obtidos permitiram: (1) análise geral das formações dos autores, destacando a formação daqueles que apresentaram maior número de publicações sobre o tema; (2) análise comparativa da formação dos autores, permitindo a identificação de que a formação em design manteve-se como uma das áreas principais, tanto na base do ensino superior, como na pós-graduação; (3) análise da formação na graduação correlacionada com os países de pesquisa, em que a psicologia é a área de concentração destes estudos nos três países, destacando-se a Inglaterra; (4) análise das disciplinas ministradas pelos professores, no qual 39% estão vinculados ao Design. A investigação permitiu a constatação da importância da estruturação de equipes multidisciplinares, com profissionais das diversas áreas, nas quais o designer serve de ponto de conexão entre estes atores, a fim de extrair o essencial dessas relações para soluções de problemas complexos da sociedade.

Palavras-chave: design contra o crime, pesquisa em design, interdisciplinaridade do design, formação acadêmica do pesquisador.

1 Introdução

Os altos índices de criminalidade propiciam um efeito dramático e de medo na vida cotidiana da sociedade. Historicamente o crime é abordado como um fenômeno do surgimento dos espaços urbanos (MAIR; MAIR, 2003), considerando a aglomeração urbana como elemento propulsor para a ocorrência de crimes e, por consequência, para o aumento da sensação de insegurança nesses espaços (EKBLUM; SIDEBOTTOM, 2008; JACOBS, 1962; JACOBS; LEES, 2013; NEWMAN, 1996).

Devido a isso, cada vez mais se debate a respeito de ações que possam inibir e/ou prevenir atividades criminais (COOPER et al., 2002; CROWE, 2013; EKBLUM, 1997, 2011; UK DESIGN COUNCIL, 2011). O design tem, então, um papel importante de influência na mudança comportamental da sociedade (COOPER et al., 2002; EKBLUM, 1997). A abordagem “design contra o crime” utiliza o design como ferramenta de modificação da percepção do benefício do crime identificado pelo transgressor, atuando no desenvolvimento de produtos, serviços e ambientes como forma de prevenção (CLARKE, 1997; EKBLUM, 2011; PRESS et al., 2000; UK DESIGN COUNCIL, 2011).

Essa abordagem interliga organizações e partes interessadas da sociedade, utilizando processos de aprendizagem e práticas do design, com o intuito de fornecer um ambiente que proporciona a geração de soluções para os problemas de criminalidade (DAVEY et al., 2005; DUARTE et al., 2011; EKBLUM, 2008; PRESS et al., 2000). A análise da evolução dos tipos de abordagens em relação ao tema possibilita identificar a evolução da complexidade das soluções de prevenção vinculadas ao design, bem como a diversidade de competências e informações manifestadas pelo designer.

Com base no contexto apresentado, o presente estudo visa identificar a formação e as competências dos autores relacionados ao tema, a fim de investigar as contribuições de múltiplas áreas de conhecimento na pesquisa do design contra o crime. Objetiva-se, com isso, promover a ampliação do entendimento acerca das relações existentes entre a área do Design e áreas correlacionadas, e se essa complexa formação se mostra importante para a atuação do designer no tema discutido. Para tanto, realizou-se uma revisão sistemática da literatura em periódicos revisados por pares. Os dados

gerados poderão auxiliar futuros profissionais que tenham interesse na área, bem como a evolução de abordagens sobre o tema.

2 Fundamentação teórica

Para a melhor compreensão da proposta deste estudo, serão apresentados os conteúdos que configuram o embasamento teórico do mesmo.

2.1 A pesquisa em design

A pesquisa, seja ela qualitativa ou quantitativa, apresenta uma abordagem ampla para o estudo dos fenômenos sociais e está direcionada à descoberta de novos fatos ou à identificação de relações entre eles (MARSHALL; ROSSMAN, 2016; ROSENSTOCK; HOCHBAUM, 2010). Ela emprega múltiplos métodos e abordagens, desde os derivados das ciências sociais e comportamentais, às análises estratégicas adaptadas das empresas e do marketing (ROTH, 1999).

Quando abordada pelo design, a pesquisa ultrapassa os limites disciplinares e os tópicos investigados refletem a multidisciplinaridade (CALVERA, 2006; ROWORTH-STOKES, 2011; STRICKLER, 1999) desta combinação. A pesquisa em design apresenta-se, então, como um meio pragmático e teórico (CONFREY; MALONEY, 2015) de obtenção de conhecimento que enriquece e ajuda a prática, em que o assunto estudado é o próprio design e os modos pelos quais ele trabalha (CALVERA, 2006; FREITAS ET AL., 2015). Para tanto, a gama de métodos de pesquisa, ferramentas e aplicações empregadas é ampla, desde os simples processos de pesquisa de produtos existentes no mercado até os processos muito mais complexos de análise de fatores culturais e cognitivos (BANNAN et al., 2016; BAYAZIT, 2004; CONFREY; MALONEY, 2015; ROTH, 1999).

Sobre estes últimos, a característica cíclica, responsiva e flexível do design (MARSHALL; ROSSMAN, 2016; ROBERTS, 1982), faz com que as estratégias de aplicação do mesmo evoluam em resposta a problemas sociais, culturais e econômicos (CALVERA, 2006; ROWORTH-STOKES, 2011). Uma dessas estratégias está vinculada à abordagem de prevenção de crimes, na qual, através de práticas integradas de design, são geradas soluções para problemas de criminalidade (ASQUITH et al., 2013; DUARTE et al., 2011).

2.2 A pesquisa em design contra o crime

Existe uma gama de metodologias de design que precisa ser explorada, compreendida e aplicada pelos designers (COOPER et al., 2002). E, nesse universo, estão àquelas destinadas aos estudos envolvendo o design como elemento para prevenção de crimes. Estes estudos vêm sendo construídos ao longo de décadas, tendo sua origem em fenômenos urbanos nos anos 1950 (MAIR; MAIR, 2003). Com foco nas possibilidades de uso do design para expansão e análise dos pontos de problema, ligados à criminalidade, com fins de encontrar novas soluções (ASQUITH et al., 2013), o designer aproxima-se da segurança social e passa a ter suas atividades influenciadas pelas preocupações e perspectivas da criminologia (COOPER et al., 2002).

A abordagem atual de *Design Against Crime* (DAC) propõe a utilização do design como fator inibidor de crimes, por meio de produtos, serviços, ambientes e comunicação (DAVEY et al., 2005; PRESS et al., 2000). Em seu conceito, projetos que não considerem questões criminais como requisitos podem ser vulneráveis ao crime, servindo como benefício para o criminoso, afetando vítimas individuais e a sociedade em geral (COOPER et al., 2002; EKBLÖM, 1997; LEWIS, 2001). As pesquisas nesse campo buscam recursos intelectuais e incentivos financeiros para incorporar o pensamento DAC na educação de design (COOPER et al., 2002). A intenção é gerar a contribuição das disciplinas de design de produtos, interiores, gráfico e outras variações, para a prevenção do crime, por meio do pensamento e prática dos profissionais de design para abordar questões criminais (DAVEY et al., 2005).

A criminalidade como fator projetual permeou muitos movimentos que contribuíram para a evolução do tema. Cada um apresentou facetas distintas de compreensão, abordando diferentes enfoques (figura 1).

Apesar da aproximação entre as terminologias, percebe-se uma variedade de perspectivas sobre o tema. Para este trabalho, o design contra o crime será abordado com base no alinhamento a duas terminologias: (I) *design against crime*, focada no desenvolvimento de produtos e de métodos de ensino (COOPER et al., 2002; EKBLÖM, 2008; SIDEBOTTOM; BOWERS, 2010) e (II) *designing out crime*,

Figura 1 – Evolução dos termos que correlacionaram design e crime

<p>Primeiras hipóteses referentes à influência do ambiente para a ocorrência de crimes - 1962</p> <p>Jacobs;</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Planejamento urbano como fator de encorajamento, ou frustração, da concentração de crimes.
<p>Crime Prevention Through Environmental Design (CPTED) - 1971</p> <p>Jeffery;</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Influência do ambiente onde o transgressor vivia em seu comportamento;▪ Ambientes bem projetados podem levar à redução da insegurança e criminalidade (situações generalistas)
<p>Defensible Spaces - 1972</p> <p>Newman;</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Retorno às ideias de Jacobs e atemporal à CPTED▪ Ambientes residenciais projetados para inibir o crime criam uma tela social que naturalmente se protege
<p>Situational Crime Prevention (SCP) - 1976</p> <p>Clarke;</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Ações envolvendo gestão e soluções de design para a manipulação de ambientes e objetos com o intuito de tornar a percepção do crime como difícil e arriscado (situações específicas).
<p>O termo Design Against Crime (DAC) - 1983</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Abordado primeiramente por Poyner (1983), limitava-se à prevenção de crimes no campo da arquitetura e ambientes, tinha proximidade com o conceito de CPTED;▪ Com evolução de abordagens (2000), o termo vincula-se diretamente ao SCP, apresentando uma abordagem situacional com foco no design.
<p>Design Against Crime Solution Centre (DACSC) - 2000</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Concebido através da colaboração do British Home office e British Council com a University of Salford e Sheffield Hallam University;▪ Foco em pesquisas e publicações visando evoluir e difundir a abordagem do design para a prevenção de crimes.
<p>Design Against Crime Solution Centre (DACRC) - 2005</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Projeto de pesquisa em 1999, foi oficializado em 2005 pela University of London;▪ Desenvolve metodologias de design, publicações e produtos com base na teoria DAC.
<p>Design Out Crime Research Centre (DOC) - 2007</p> <ul style="list-style-type: none">▪ University of Technology, Sydney;▪ Prevenção de crimes através da cocriação focada no design; exploração e experimentação;▪ Estimula parcerias entre designers, estudantes e organizações para a geração de contextualizações e soluções para a criminalidade.

Fonte: Desenvolvida pelos autores (2017).

que valoriza a cocriação, e defende que o design pode gerar soluções para a prevenção de crimes e problemas sociais complexos (ASQUITH et al., 2013; DUARTE et al., 2011). Ambos os entendimen-

tos salientam a necessidade de envolver a visão do design na prevenção dos crimes.

3 Procedimentos metodológicos

Tendo em vista a resposta à proposta deste estudo, desenvolveu-se uma revisão sistemática da literatura em periódicos que abordam o tema design contra o crime. Este método permite a elaboração de um resumo das evidências literárias relacionadas a um tema através da aplicação de procedimentos sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação gerada, possibilitando a avaliação da sua consistência e generalização (SAMPALIO; MANCINI, 2007). Os resultados foram examinados por meio da análise de conteúdo, que possibilita o entendimento do tema abordado com base na exploração do material desenvolvido e na geração de interpretações e inferências (BARDIN, 2011).

Inicialmente procedeu-se à coleta de artigos publicados em periódicos revisados por pares. Utilizou-se para a busca a base de dados da Plataforma Brasil CAPES e as palavras-chave: “*design against crime*”, “*designing against crime*”, “*design out crime*”, “*designing out crime*”, “*designing for security*”, “*design for security*”, “*secured by design*”, “*design and crime*” e “*design for safety*”. A busca inicial encontrou 127 publicações que tiveram seus títulos e resumos lidos a fim de se avaliar o seu alinhamento com o tema. O resultado obtido foi de 31 publicações: 28 por abordarem direta ou parcialmente o tema e três, que não apareceram na coleta inicial, mas foram considerados pertinentes pela quantidade de vezes que foram citadas pelos autores (quadro 1).

Quadro 1 – Publicações encontradas na revisão sistemática (31)

ANDERSON, J. Online communities: Utilising emerging technologies to improve crime prevention knowledge, practice and dissemination. Trends and Issues in Crime and Criminal Justice , n. 462, p. 1-10, 2014.
ARMITAGE, R.; MONCHUK, L.; ROGERSON, M. It Looks Good, but What is it Like to Live There? Exploring the Impact of Innovative Housing Design on Crime , v. 17, n. 1, p. 29-54, 2011
ARMITAGE, R.; PEASE, K. Design and crime: Proofing electronic products and services against theft. European Journal on Criminal Policy and Research , v. 14, n. 1, p. 1-9, 2008.
CONTINUA

ASQUITH, L.; DORST, K.; KALDOR, L.; WATSON, R. Introduction to Design+Crime. Crime Prevention and Community Safety , v. 15, n. 3, p. 169-174, 2013.
BARNETT, S. Creating walkable urban environments. Engineering Sustainability , v. 159, n. ES3, p. 91-97, 2006.
BOWERS, K. J.; SIDEBOTTOM, A.; EKBLOM, P. CRITIC: A prospective planning tool for crime prevention evaluation designs. Crime Prevention and Community Safety: An International Journal , v. 11, n. 1, p. 48-70, 2009.
COOPER, R. C; DAVEY, C. L.; PRESS, M. Design Against Crime: Methods and Issues that Link Product Innovation to Social Policy. International journal of New product Development & Innovation Management , v. 1, p. 329-342, 2002.
COZENS, P.; THORN, M.; HILLIER, D. Designing out crime in Western Australia: a case study. Property Management , v. 26, n. 5, p. 295-309, 2008.
CUBBAGE, C. J.; SMITH, C. L. The function of security in reducing women's fear of crime in open public spaces: A case study of serial sex attacks at a Western Australian university. Security Journal , v. 22, n. 1, p. 73-86, 2009.
DAVEY, C. L.; WOOTTON, A. B.; COOPER, R.; PRESS, M. Design against crime : extending the reach of crime prevention through environmental design. SecurityJournal , v. 18, n. 2, p. 39-51, 2005.
DAVEY, C. L.; WOOTTON, A. B.; MARSELLE, M. Engaging young people in designing against crime. Swedish Design Research Journal , v. 1, p. 29-38, 2012.
DINZEY-FLORES, Z. Z. Criminalizing communities of poor, dark women in the Caribbean: The fight against crime through Puerto Rico's public housing. Crime Prevention and Community Safety , v. 13, n. 1, p. 53-73, 2011.
DUARTE, O. C.; LULHAM, R.; KALDOR, L. Co-designing out crime. CoDesign , v. 7, n. 3/4, p. 155-168, 2011.
EKBLOM, P. Gearing Up Against Crime: a Dynamic Framework to Help Designers Keep up with the Adaptive Criminal in a Changing World. International Journal of Risk Security and Crime Prevention , v. 2, n. 10, p. 249-265, 1997.
EKBLOM, P. Deconstructing CPTED... and Reconstructing it for Practice, Knowledge Management and Research. European Journal on Criminal Policy and Research , v. 17, n. 1, p. 7-28, 2011.
EKBLOM, P.; GILL, M. Rewriting the Script : Cross-Disciplinary Exploration and Conceptual Consolidation of the Procedural Analysis of Crime. European Journal on Criminal Policy and Research , v. 22, n. 2, p. 319-339, 2015.
EKBLOM, P.; SIDEBOTTOM, A. What do you mean, "Is it secure?" redesigning language to be fit for the task of assessing the security of domestic and personal electronic goods. European Journal on Criminal Policy and Research , v. 14, n. 1, p. 61-87, 2008
EROL, R.; PRESS, M.; COOPER, R.; THOMAS, M. Designing-out Crime : Raising Awareness of Crime Reduction in the Design Industry. Security Journal , v. 15, n. 1, p. 49-61, 2002.
ESPINACH, F. X.; RIPOLL, R.; TRESSERRAS, J.; JULIAN, F. Elements that define the social responsibility of a product. Dyna , v. 81, n. 186, p. 175-183, 2014.
GLASSON, J.; COZENS, P. Making communities safer from crime : An undervalued element in impact assessment. Environmental Impact Assessment Review , v. 31, n. 1, p. 25-35, 2011.
HAKIM, S.; RENGERT, G. F.; SHACHMUROVE, Y. Burglar and Fire Alarms: Costs and Benefits to the Locality. American Journal of Economics and Sociology , v. 54, n. 2, p. 145-161, 1995.
LAWRENCE, G. Designing out crime: the retail perspective. International Journal of Retail & Distribution Management , v. 32, n. 12, p. 572-576, 2004.
CONTINUA

MAILLEY, J.; GARCIA, R.; WHITEHEAD, S.; FARRELL, G. Phone Theft Index. Security Journal , v. 21, n. 3, p. 212-227, 2008.
MARSELLE, M.; WOOTTON, A. B.; HAMILTON, M. G. A design against crime intervention to reduce violence in the night-time economy. Security Journal , v. 25, n. 25, p. 955-1662, 2011.
MEYER, S.; EKBLUM, P. Specifying the explosion-resistant railway carriage-a "bench" test of the Security Function Framework. Journal of Transportation Security , v. 5, n. 1, p. 69-85, 2012.
PEASE, K.; FARRELL, G. Climate Change and Crime. European Journal on Criminal Policy and Research , v. 17, n. 2, p. 149-162, 2011.
ROBINSON, M. B.; ROBINSON, C. E. Environmental characteristics associated with residential burglaries of student apartment complexes Matthew B. Robinson and Christine E. Robinson. Environment and Behavior , v. 29, n. 5, p. 657 - 675, 1997.
SIDEBOTTOM, A.; BOWERS, K. Bag theft in bars: An analysis of relative risk, perceived risk and modus operandi. Security Journal , v. 23, n. 3, p. 206-224, 2010.
STUMMVOLL, G. P. Design Against Crime in Vienna: A Feminist Approach. Crime Prevention and Community Safety: An International Journal , v. 6, n. 4, p. 71-82, 2004.
WARD, J. T.; NOBLES, M. R.; YOUSTIN, T. J.; COOK, C. L. Placing the Neighborhood Accessibility-Burglary Link in Social-Structural Context. Crime & Delinquency , v. 60, n. 5, p. 739-763, 2014.
WHITEHEAD, S.; MAILLEY, J.; STORER, I.; et al. IN SAFE HANDS: A review of mobile phone anti-theft designs. European Journal on Criminal Policy and Research , v. 14, n. 1, p. 39-60, 2008.

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2017).

Por fim, os dados de cada publicação foram tabulados. Com os nomes dos autores categorizados, efetuou-se a busca nos sites das universidades as quais estavam vinculados e em redes sociais dos mesmos, objetivando a coleta de informações relativas à: título obtido na graduação, a formação da pós-graduação (quando fosse o caso) e a atuação no mercado de trabalho. A análise dos dados obtidos é apresentada no tópico subsequente.

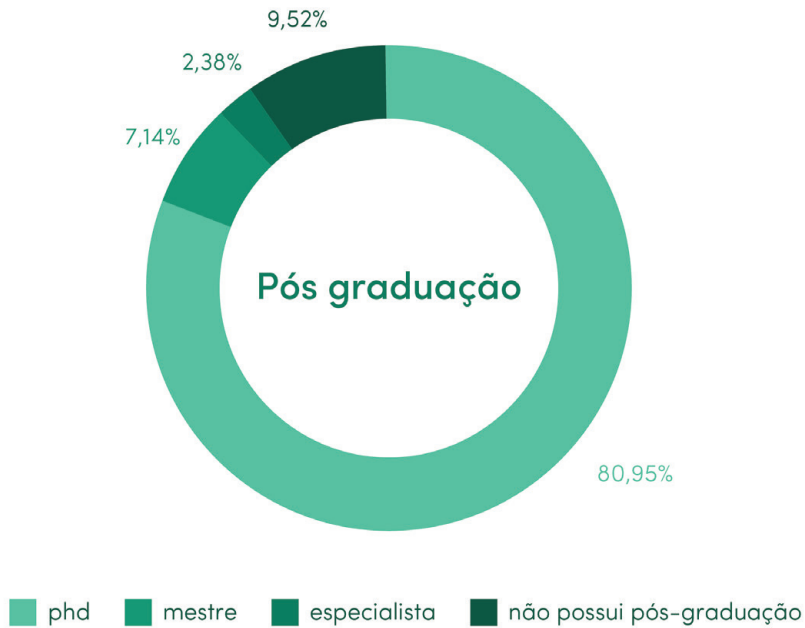
4 Resultados e discussões

Tendo como foco o estudo da pesquisa em design vinculada à criminalidade, as análises serão efetuadas com este objetivo. Os resultados obtidos com as mesmas são apresentados a seguir.

4.1 Formação dos autores

Foram encontradas por meio da busca *online* 41 formações dos 50 autores catalogados dos 31 artigos. Percebe-se que todos os pesquisadores eram graduados e, em torno de 80%, detém títulos de *PhD* (figura 2) nas mais diferentes áreas.

Figura 2 – Porcentagem de autores com pós-graduação



Fonte: Desenvolvida pelos autores (2017).

Para suscitar as discussões, vale destacar a formação dos autores que apresentaram maior número de publicações sobre o tema. Observou-se que Paul Ekblom foi o autor com maior número de publicações entre as 31 analisadas: seis artigos no total. Sua graduação foi em Psicologia e possui *PhD* na mesma área. Rachel Cooper aparece como a segunda autora com mais publicações: três artigos. A autora possui graduação e pós-graduação (*PhD*) em Design. A tabulação dos dados permitiu a identificação de outros três autores com quantidade igual de publicações à de Cooper, são eles: (I) Aiden Sidebottom, *PhD* em Filosofia da Ciência do Crime; (II) Andrew B. Wootton, mestre em Design; e (III) Caroline Davey, *PhD* em Psicologia. Entretanto, uma análise aprofundada destes autores permitiu a constatação de que eles eram coautores ou de Paul Ekblom ou de Rachel Cooper, participando das mesmas pesquisas. Destaca-se, ainda sobre este assunto, o trabalho de Kees Dorst que, apesar de, nesse estudo, ser autor de somente um artigo sobre o tema, participou do desenvolvimento do *Frame Creation* (DORST et al., 2016), com cerca de 140 estudos de caso ligados ao design contra o crime. Sua formação está vinculada ao Design tanto da graduação quanto na pós-graduação (*PhD*).

4.2 Comparação entre as formações dos autores

Para a análise comparativa da formação dos autores levou-se em consideração as áreas ligadas à suas graduações (figura 3) e pós-graduações (figura 4). Como pós-graduação considerou-se especialização, mestrado e doutorado (*PhD*).

Figura 3 – Áreas de formação na graduação



Fonte: Desenvolvida pelos autores (2017).

Figura 4 – Áreas de formação na pós-graduação



Fonte: Desenvolvida pelos autores (2017).

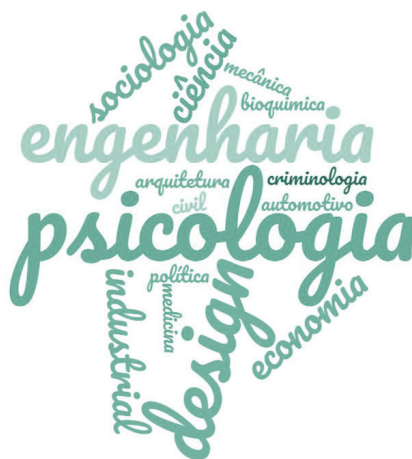
A pesquisa em Design é um assunto abrangente e pode ir desde uma situação mais pontual até um tema mais generalista () como o design contra o crime. Percebe-se que a formação em Design se manteve como uma das áreas principais, tanto na graduação, como na pós-graduação. Ekblom (1997) salienta que o grande desafio para área do design contra o crime está em conseguir, por meio dos seus projetos, influenciar a percepção do transgressor. Possivelmente esta ótica motive a adesão dos pesquisadores a cursos de pós-graduação vinculados à psicologia, com o intuito de aprofundamento em questões cognitivas.

4.3 Formação na graduação correlacionada com os países de pesquisa

Este item de análise intencionou investigar o tipo de formação, na graduação, dos autores de acordo com seus países. Buscou-se com isso verificar quais são as concentrações de formações dos pesquisadores por país. Os três países com maior quantidade de autores publicando sobre o tema, entre os artigos analisados,

foram: Inglaterra (28), Austrália (11) e Estados Unidos (11). Observou-se que a psicologia é a área de concentração destes estudos nos três países (figuras 5, 6 e 7) e, tendo maior destaque a Inglaterra. Acredita-se que esta concentração ocorra devido ao descrito no item anterior, a busca dos pesquisadores ao entendimento das questões cognitivas através dos cursos de psicologia.

Figura 5 – Áreas de formação na graduação na Inglaterra



Fonte: Desenvolvida pelos autores (2017).

A formação em Arquitetura aparece com maior força na Austrália (figura 6). Este fato pode estar relacionado aos estudos, ligados às intervenções no ambiente, desenvolvidos pela University of Technology Sydney, que direciona suas pesquisas para soluções de problemas amplos e complexos de criminalidade na sociedade (ASQUITH et al., 2013; DUARTE et al., 2011).

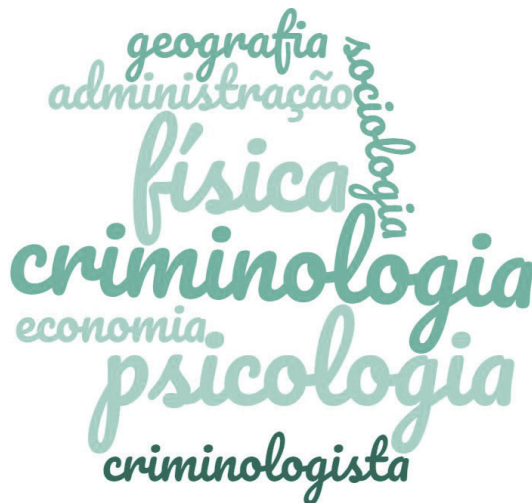
Figura 6 – Áreas de formação na graduação na Austrália



Fonte: Desenvolvida pelos autores (2017).

Nos Estados Unidos a formação em criminologia aparece com mais força (figura 7), possivelmente porque elas são o berço das teorias dos pesquisadores pioneiros da área, como Jacobs (1962), Jeffery (1971) e Newman (1972).

Figura 7 - Áreas de formação na graduação nos Estados Unidos



Fonte: Desenvolvida pelos autores (2017).

4.4 Disciplinas ministradas pelos professores

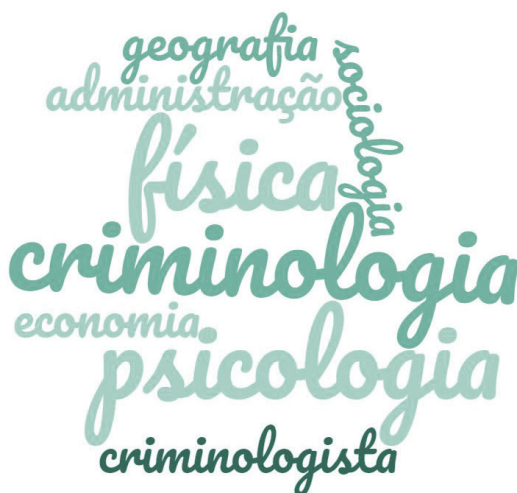
Educadores podem oferecer novas direções, em termos de transição entre currículos de graduação, para orientar a geração de conhecimento às demandas da sociedade (TEIXEIRA, 2010). Ou seja, abrem a possibilidade para o desenvolvimento de atividades de educação e pesquisa voltadas à interdisciplinaridade e ao conhecimento integrado (CALVERA, 2006; TEIXEIRA, 2010).

Percebeu-se um equilíbrio entre os pesquisadores que se dedicam à carreira docente (47%) e os que atuam no mercado (52%). Existe uma preocupação no desenvolvimento de métodos que auxiliem os designers em projetos de design contra o crime, profissionais e/ou em formação e em conscientizá-los sobre a relevância do tema (DUARTE et al., 2011). Por isso, o papel do professor torna-se essencial para educação a respeito do tema. O assunto da criminalidade pode ser abordado em disciplinas com enfoques diversificados, a figura 8 apresenta as áreas de maior incidência.

Identifica-se que, dos professores analisados, 39% estão vinculados ao Design. Em se tratando do tema desta pesquisa, pode-se

inferir que há uma conexão entre as áreas do design e o estudo da criminalidade, e que utilizar práticas do design podem proporcionar soluções para questões ligadas ao crime (DAVEY et al., 2005; DUARTE et al., 2011; EKBLUM, 2008; PRESS et al., 2000).

Figura 8 – Áreas das disciplinas ministradas pelos professores



Fonte: Desenvolvida pelos autores (2017).

5 Considerações finais

A disciplina de design foi confrontada a definir a sua relevância e utilidade para as demandas da sociedade (TEIXEIRA, 2010). Sendo assim, os designers têm um papel importante a cumprir em atividades de inovação e de trabalho em equipes multidisciplinares, desenvolvendo atividades não somente de projeto, mas de aplicação do conhecimento (CALVERA, 2006). Neste sentido, a multidisciplinaridade de conhecimentos e competências em torno do tema tornou-se clara. A pesquisa realizada possibilitou a identificação das áreas de atuação pertinentes para a evolução das abordagens de design contra o crime. Permitiu, também, a constatação das competências necessárias ao perfil ideal do profissional/pesquisador para o tema, porém seria utópico esperar tais competências em um único indivíduo.

Essa constatação ressalta a importância da integração do conhecimento do design em formas de pensamento interdisciplinares que proporcionem a oportunidade de desenvolvimento de novas disciplinas, que ultrapassem os limites disciplinares tradicionais

(TEIXEIRA, 2010). Transcender esses limites significa também a estruturação de equipes multidisciplinares, com profissionais das diversas áreas, em que o designer serve de ponto de conexão entre estes atores, a fim de extrair o essencial dessas relações para soluções de problemas complexos da sociedade (ASQUITH et al., 2013; DUARTE et al., 2011).

Intencionando estimular as pesquisas interdisciplinares de design, sugere-se que este estudo seja replicado em áreas nas quais o design possa colaborar para a obtenção de resultados diferenciados, através da aplicação de suas práticas. Essa ação pode estimular o mapeamento de áreas de estudo que venham a corroborar com a formação dos pesquisadores.

Referências

ASQUITH, L.; DORST, K.; KALDOR, L.; WATSON, R. Introduction to Design+Crime. **Crime Prevention and Community Safety**, v. 15, n. 3, p. 169-74, 2013.

BANNAN, B.; COOK, J.; PACHLER, N. Reconceptualizing design research in the age of mobile learning. **Interactive Learning Environments**, v. 24, n. 5, p. 938-953, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAYAZIT, N. Investigating Design: A Review of Forty Years of Design Research. **Design Issues**, v. 20, n. 1, p. 16-30, 2004.

CALVERA, A. Treinando pesquisadores para o design: algumas considerações e muitas preocupações acadêmicas. **Revista Design em Foco**, v. 3, n. 1, p. 97-120, 2006.

CLARKE, R. V. **Situational Crime Prevention**. 2. ed. Albany: Harrow and Heston, 1997.

CONFREY, J.; MALONEY, A. A design research study of a curriculum and diagnostic assessment system for a learning trajectory on equipartitioning. **ZDM Mathematics Education**, v. 47, p. 919-932, 2015.

COOPER, R. C.; DAVEY, C. L.; PRESS, M. Design Against Crime: methods and issues that link product innovation to social policy. **International Journal of New Product Development & Innovation Management**, v. 1, p. 329-342, 2002.

CROWE, T. D. **Crime Prevention Through Environmental Design**. Kidlington: Waltham, 2013.

DAVEY, C. L.; WOOTTON, A. B.; COOPER, R.; PRESS, M. Design against crime: extending the reach of crime prevention through environmental design. **Security Journal**, v. 18, n. 2, p. 39-51, 2005.

DORST, K. KALDOR, L.; KLIPPAN, L.; WATSON, R. **Designing for the common good: a handbook for innovators, designers, and other people**. Amsterdam: BIS Publishers, 2016.

DUARTE, O. C.; LULHAM, R.; KALDOR, L. Co-designing out crime. **CoDesign**, v. 7, n. 3-4, p. 155-68, 2011.

EKBLOM, P. Gearing Up Against Crime: a dynamic framework to help designers

keep up with the adaptive criminal in a changing world. **International Journal of Risk Security and Crime Prevention**, v. 2, n. 4, p. 249-265, 1997.

_____. Designing products against crime. In: TILLEY, N. **Handbook of Crime Prevention and Community Safety**. Oregon: Willan Publishing, 2008. p. 203-244.

_____. Deconstructing CPTED... and Reconstructing it for Practice, Knowledge Management and Research. **European Journal on Criminal Policy and Research**, v. 17, n. 1, p. 7-28, 2011.

EKBLOM, P.; SIDEBOTTOM, A. What Do You Mean, 'Is It Secure?' Redesigning Language to be Fit for the Task of Assessing the Security of Domestic and Personal Electronic Goods. **European Journal on Criminal Policy and Research**, v. 14, n. 1, p. 61-87, 2008.

FREITAS, J. C. S. J.; MACHADO, L.; KLEIN, A. Z.; FREITAS, A. S. Design research: aplicações práticas e lições aprendidas. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 14, n. 1, p. 95-116, 2015.

JACOBS, J. M. **The Death and Life of Great American Cities**. New York: Random House, 1962.

JACOBS, J. M.; LEES, L. Defensible space on the move: revisiting the urban geography of Alice Coleman. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 37, n. 5, p. 1559-1583, 2013.

JEFFERY, C. R. **Crime prevention through environmental design**. Beverly Hills: Sage Publications, 1971.

LEWIS, T. **Design against crime: alarm systems**. Sheffield: Sheffield Hallam University, 2001. Disponível em: <<http://shura.shu.ac.uk/id/eprint/3377>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

MAIR, J. S.; MAIR, M. Violence prevention and control through environmental modifications. **Annual Review of Public Health**, v. 24, p. 209-25, 2003.

MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. B. **Designing Qualitative Research**. Singapore: Sage Publications, 2016.

NEWMAN, O. Defensible space. New York: Macmillan, 1972.

_____. **Creating defensible space**. Washington, DC: U.S. Department of Housing and Urban Development, 1996. Disponível em: <<https://www.huduser.gov/publications/pdf/def.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PRESS, M.; EROL, R.; COOPER, R.; THOMAS, M. Design against crime: defining new design knowledge requirements. In: **DESIGN MANAGEMENT INSTITUTE CONFERENCE**, Frankfurt, 2000.

ROBERTS, P. Learning to mean. **Design Studies**, v. 3, n. 4, p. 205-211, 1982.

ROSENSTOCK, I. M.; HOCHBAUM, G. M. Some principles of research design in public health. **American Journal of Public Health**, v. 100, n. 10, p. 1861-1863, 2010.

ROTH, S. The state of design research. **Design Issues**, v. 15, n. 2, p. 18-26, 1999

ROWORTH-STOKES, S. The Design Research Society and Emerging Themes in Design Research. **The Journal of Product Innovation Management**, v. 28, n. 3, p. 419-424, 2011.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SIDEBOTTOM, A.; BOWERS, K. Bag theft in bars: an analysis of relative risk, per-

ceived risk and modus operandi. **Security Journal**, v. 23, n. 3, p. 206-224, 2010.

STRICKLER, Z. Elicitation methods in experimental design research. **Design Issues**, v. 15, n. 2, p. 27-39, 1999.

TEIXEIRA, C. The entrepreneurial design curriculum: design-based learning for knowledge-based economies. **Design Studies**, v. 31, n. 4, p. 411-418, 2010.

UK DESIGN COUNCIL. **Designing Out Crime: a designers' guide**. London: Design and Technology Alliance against Crime and Design Council, 2011. Disponível em: <http://www.designcouncil.org.uk/sites/default/files/asset/document/designersGuide_digital_0_0.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Como citar este capítulo (ABNT):

SILVA, Guilherme Cardoso da et al. Design Contra o Crime: as diversas formações do pesquisador atuante na área. In: VAN DER LINDEN, Júlio Carlos de Souza; BRUSCATO, Underléa Miotto; BERNARDES, Maurício Moreira e Silva (Orgs.). **Design em Pesquisa – Vol. II**. Porto Alegre: Marcavisual, 2018. p 17-32

Como citar este capítulo (Chicago):

Silva, Guilherme Cardoso da, Pâmela Cardoso da Rosa, Paula Görgen Radici Fraga, Maurício Moreira e Silva Bernardes, and Underléa Miotto Bruscato. 2018. "Design Contra o Crime: as diversas formações do pesquisador atuante na área". In *Design em Pesquisa*, 1st ed., 2: 17-32. Porto Alegre: Marcavisual.